



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-biquinha/>

A biquinha e sua várzea imaginada: memórias aquosas poéticas no Antropoceno

Gabriel Teixeira Ramos [1]

RESUMO: Por meio de memórias aquosas, este ensaio evidencia uma biquinha como experiência urbana singular contextualizadas às cidades contemporâneas no Antropoceno. Para tal, foca-se numa crítica estética e política da realização de um parque urbano numa antiga biquinha existente no bairro Jardim América, em Cariacica (ES), destacada por ter sido elaborada em meio a uma estratégia projetual militarizada, a desconsiderar preexistências sociais, culturais e paisagísticas. A proposta do ensaio é enunciar o problema e lançar possibilidades outras fornecidas pela memória e imaginação na várzea da biquinha, a partir da realização de uma narrativa audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Biquinha. Várzea. Imaginação. Narrativa audiovisual.

The little spout and its imagined floodplain: poetic watery memories in the Anthropocene

ABSTRACT: Through aqueous memories, this essay highlights a biquinha (natural spring) as a singular urban experience contextualized within contemporary cities in the Anthropocene. It focuses on an aesthetic and political critique of the construction of an urban park on the site of a former biquinha located in the Jardim América neighborhood of Cariacica (ES), which was developed under a militarized design strategy that disregarded existing social, cultural, and landscape elements. The essay aims to articulate the problem and propose alternative possibilities offered by memory and imagination in the floodplain of the biquinha, through the creation of an audiovisual narrative.

KEYWORDS: Memory. Little spout. Floodplain. Anthropocene. Audiovisual narrative.



Memórias aquosas: infância e imaginação [2]

Esta reflexão acontece a partir de dois movimentos: o primeiro se trata de uma investigação das memórias de infância num bairro periférico onde morei, com pouca infraestrutura urbana, irrigado pelos banhos de mangueira e pelas enchentes dos dias quentes de verão, aqui nomeadas por “memórias aquosas”. O segundo enuncia um exercício de imaginação desse local a partir de uma narrativa audiovisual realizada em meio a um problema de projeto urbanístico e paisagístico colocado. As “memórias aquosas” pensadas para este texto não emergem pelo que de fato aconteceu, mas justamente pelas possibilidades do que teria ocorrido, já que:

com extraordinária frequência ser "recordado" algo que nunca poderia ter sido "esquecido", porque nunca foi em ocasião alguma notado - nunca foi consciente. Com referência ao curso dos acontecimentos psíquicos, parece não fazer nenhuma diferença se determinada "vinculação de pensamento" foi consciente e depois esquecida, ou se nunca de modo algum conseguiu tornar-se consciente (FREUD, 1988, p. 195).

Por meio dessas memórias, este ensaio evidencia a “biquinha” como experiência urbana singular, contextualizadas às cidades contemporâneas do Antropoceno. Para tal, focaremos numa crítica estética e política da realização de um parque urbano numa antiga biquinha existente no bairro Jardim América, em Cariacica (ES), destacada por ter sido elaborada em meio a uma estratégia projetual militarizada, a desconsiderar preexistências sociais, culturais e paisagísticas. A proposta do ensaio é enunciar o problema e lançar possibilidades outras fornecidas por memórias, sensações e imaginação, a partir de uma narrativa audiovisual.

Sobre as memórias e as biquinhas

Numa provocação coletiva de se pensar sobre várzeas urbanas [3], tentei resgatar em que momento – e em que medida – a palavra “várzea” me confrontou. De modo espontâneo, recordei-me de quando criança jogar bola e bolinha de gude na rua da biquinha. Como muitas das biquinhas



presentes em nomes não oficiais de ruas país afora, constatei, de prontidão, não conhecer o sítio a dar o nome popular da rua do bairro onde morei durante minha primeira infância.

O logradouro oficial é Rua Bolívia, situada no bairro Jardim América, em Cariacica, cidade da Grande Vitória, no Espírito Santo. Esse bairro começou a se desenvolver com a instalação de duas importantes empresas: a Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi) e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD, atual Vale), na década de 1960. A localização estratégica do bairro, no ponto inicial da Rodovia BR-262, marcou o território como uma área de relevância econômica e logística. Sua paisagem e morfologia urbana se pronunciam numa área predominantemente plana, com pequenas colinas e morros, de altitude média de 1,5 metro nas áreas mais baixas, o que contribui para frequentes alagamentos durante períodos de chuvas intensas. Além disso, Jardim América se destaca por ter sido um dos primeiros conjuntos habitacionais criados no Brasil e na América do Sul, idealizado e construído por Hugo Viola (VIOLA, 2022) [4].

Distante mais de vinte anos daquele local, uma fenda pareceu se abrir na memória ao me perguntar onde ficava a tal biquinha, emblemática toponímia aquosa, cuja localização específica sempre me escapou. Recordo-me das situações em que ficávamos na rua plana jogando futebol, das traves improvisadas com paralelepípedos e do movimento dos carros que iam e vinham até o fim da rua sem saída. Ainda assim, o local exato sempre me escapou.

Curiosos são os casos em que não sabemos os porquês dos nomes das coisas e dos lugares tais quais nos aparecem. Esse “escape” pode se apresentar como um instrumento metodológico para pensarmos as cidades no Antropoceno, já que, por muito tempo, julgamos saber sobre as coisas mais do que suas próprias existências. Mas as coisas que fizemos (ou deixamos de fazer) nas cidades têm nos confrontado cada vez mais. Eventos extremos e mudanças climáticas desafiam até os mais entendidos.

Tem uma frase interessante que é atribuída ao Einstein: "A vida começou aqui na Terra sem os humanos e pode terminar sem nós". Esse *pode* é um cuidado lá dele, de não detonar de vez a bomba. Já eu sou mais arrogante e digo que a vida começou sem os humanos e vai acabar sem a gente. Não somos os donos da chave nem seremos os últimos a sair. Aliás, acho antes que seremos postos para fora – por incompetência, inadimplência, abuso e



todo tipo de prevaricação em que a gente se meteu em favor da ideia de prolongar nossa própria vida (KRENAK, 2022, p. 7).

Quando criança, lembro-me das fortes chuvas na biquinha, dos alagamentos que faziam parte da rotina. Hoje, tenho dúvida se a biquinha que minha memória evoca não é mais fruto de um repertório técnico da minha formação em arquitetura e urbanismo do que de lembranças nítidas: um platô abaixo da rua, cercado por muros e matas remanescentes, com baixa infraestrutura urbana e problemas de drenagem. Minha memória, evidentemente, é moldada pela condição de arquiteto urbanista, e foi preciso me desprender disso e estar novamente no local.

A biquinha e o desenho militarizado

Procurando reconstituir essas memórias, fui surpreendido ao encontrar informações sobre o “Parque Delegado Oswaldo Viola”, inaugurado em 2022. Embora não traga “biquinha” em seu nome, o parque parece responder, de forma institucional, à simbologia de um espaço cuja história não se encontra mais nas narrativas oficiais e, convém ressaltar, há um esforço na construção de um parque acessível e que ainda valoriza as águas e as memórias do local. No entanto, o nome do parque, ao destacar a figura de um delegado e de uma das famílias fundadoras do bairro, parece ser uma tentativa de reescrever as memórias locais sob uma perspectiva de autoridade e controle.

Esse desejo de ordenamento simbólico do espaço público se conecta com uma experiência que vivi como professor. Em 2016, numa aula de urbanismo numa faculdade particular do interior de São Paulo, presenciei uma situação que ressoa esse mesmo tema. Um aluno, guarda civil, ao propor um projeto, afirmou que espaços públicos não deveriam permitir permanência, mas apenas circulação. O “circular, circular” de sua fala, carregada de um tom normativo e policiaresco, é um reflexo direto da militarização que permeia as cidades e os corpos.

Tal discurso se opõe radicalmente à essência do espaço público, que, por conceituação (ARENDT, 2016; RANCIÈRE, 1996; MOUFFE, 2015), é o local onde a pluralidade e o dissenso se manifestam, onde os conflitos sobre visibilidade e participação se tornam centrais; e agonístico, onde o dissenso não é um problema a ser resolvido, mas sim uma condição essencial da democracia. Logo, fazer circular, como queria o aluno, é eliminar a possibilidade de encontros, conflitos e resistências. É, em



última análise, negar o direito de existir plenamente no espaço urbano. Essa visão utilitarista do espaço reflete uma lógica de controle que se enraíza nas práticas urbanísticas e nas políticas públicas contemporâneas. Porém, as memórias da biquinha e das várzeas urbanas nos convidam a outra perspectiva. A cidade não deveria ser apenas ordenada e eficiente, mas também fluida, acolhedora e capaz de transbordar – no sentido literal e simbólico. A várzea, esse espaço instável e imprevisível, nos lembra que a vida urbana precisa de permanência e de resistência para existir além das contenções que lhe são impostas.

Inaugurado em 24 de setembro de 2022, o Parque Delegado Oswaldo Viola (Parque da Biquinha) ocupa parte de uma área onde anteriormente havia a biquinha de água, que, no início do século XX, de fato fora usada como tal, mas nas últimas décadas vinha sendo bastante degradada, com acúmulos de descartes sólidos e falta de saneamento no local. Quando morei com minha família, entre o fim de 1980 até meados de 1990, a biquinha era ainda a referência do local, sendo mais relevante que o logradouro oficial.

Em boa medida, o que aconteceu em termos urbanísticos na biquinha é um pequeno recorte de situações recorrentes nas cidades brasileiras quando se anseia urgentemente em transformar por completo um local a partir de um viés “revitalizador”. Chama muito a atenção à implantação do projeto proposto para o local (Figura 1), em que se considerou muito pouco a potencialidade topográfica e paisagística do local, pasteurizando o ambiente e traduzindo o parque em duas características: circular pelos longos caminhos e controlar pelos nichos, grades, guarita e por estar contígua à escola Afonso Schwab, que, atualmente, é do tipo cívico-militar [5].



PLANTA





Figura 1. Implantação do projeto e inauguração do parque, em 2022.

Fonte: Site Prefeitura de Cariacica.

Embora haja um lago artificial, a aridez projetual em nada se assemelha às memórias aquosas da região. A baixa permeabilidade natural e os caminhos que formam uma espécie de circuito reduzem as possibilidades inventivas de quem poderia percorrer e reimaginar esse local. Na realidade, essa aposta se dá contrariamente a uma ideia de pensar um urbanismo que se faz ocupando os espaços, com seus usos e apropriações, ou em provocações poético-sensíveis, mas de utilizá-lo de maneira pragmática e funcional.

A biquinha incontrolável: uma reimaginação

A partir dessa problemática, realizei um exercício de colocar essas ideias em outro esquema de pensamento, na intenção de pensar imagens da Biquinha e a Biquinha reimaginada, por meio de propostas audiovisuais que têm sido elaboradas no âmbito da pesquisa “Um cinema-cartografia



desde o Sul global” [6]. Nela, temos explorado, a partir da obra de Tom Conley, “*Cartographic Cinema*” (2007), contaminações possíveis entre as linguagens, as formas de pensamento e as implicações dos campos de saber relacionados ao cinema e à cartografia, já que, para o autor, em leitura ampliada da obra de André Bazin, “O que é o cinema?” (BAZIN, 1999), para pensar *o que* é o cinema, podemos pensar *onde* ele está. Para Conley, Bazin:

propõe o trabalho de campo, o levantamento e o desenho de mapas incompletos no lugar de uma obra acabada ou de um atlas cinematográfico. Em “Realismo Cinematográfico e a Escola Italiana de Libertação” (um artigo publicado pela primeira vez na revista *Esprit*, em janeiro de 1948), as palavras que “situam” os cinemas dos diretores do pós-guerra são formuladas nos mesmos termos. “Depois de ter tentado demarcar a geografia desse cinema, tão penetrante na descrição social, tão meticuloso e perspicaz na escolha de detalhes verdadeiros e significativos, resta a tarefa de compreender sua geologia estética” (BAZIN, 1999 [1975], 7, 273 apud CONLEY, idem, p. 7, tradução nossa).

Essa geografia de Conley implica pensarmos criticamente no *lugar* a partir da sua existência como tal, ou numa determinada posição, para tomarmos uma palavra propriamente cartográfica. Junto com Conley, apostamos haver—no exercício da imagem cinematográfica a abertura para a imaginação cartográfica. Isso significa afirmar a existência, portanto, de uma dimensão imaginativa fornecida pela cartografia, que, enquanto tessitura, permite abrir um percurso, um deslocamento, sejam eles da memória, dos sentidos e das sensações. Assim, a imaginação do *topos* que o filme permite ao inscrever é, precisamente, o outro lugar: necessariamente geográfico, político e de natureza outra.

Dito de outro modo, a aposta dessa dimensão entre o cinema e a cartografia pensada de modo coadunado (cinema-cartografia) investe em outra leitura da arquitetura e urbanismo. Propõe-se o projeto orientado pelo lugar geográfico, sobretudo simbólico, cultural, histórico e repleto de memórias coletivas. Sendo assim, é a partir de uma relação corpórea com o lugar que se produz uma potência inventiva, tanto de atmosferas fílmicas quanto arquitetônicas.



Essa especulação toma forma na proposta do filme “Memórias aquosas de uma biquinha reimaginada” [7], pensado junto-com e por meio dessa reflexão presente nesta comunicação. Partindo de uma experimentação metodológica que escreve, intervém, filma e participa do local, o filme propõe fazer contaminar imagens antigas com imaginações aquosas, por meio do áudio e das inquietações colocadas. Ao final, a proposta de uma biquinha que contamine e não seja restrita a um pequeno espaço marginal em forma de trilha também pressupõe uma dimensão projetual – no sentido imaginativo e não vitruviano – da própria biquinha e do parque.

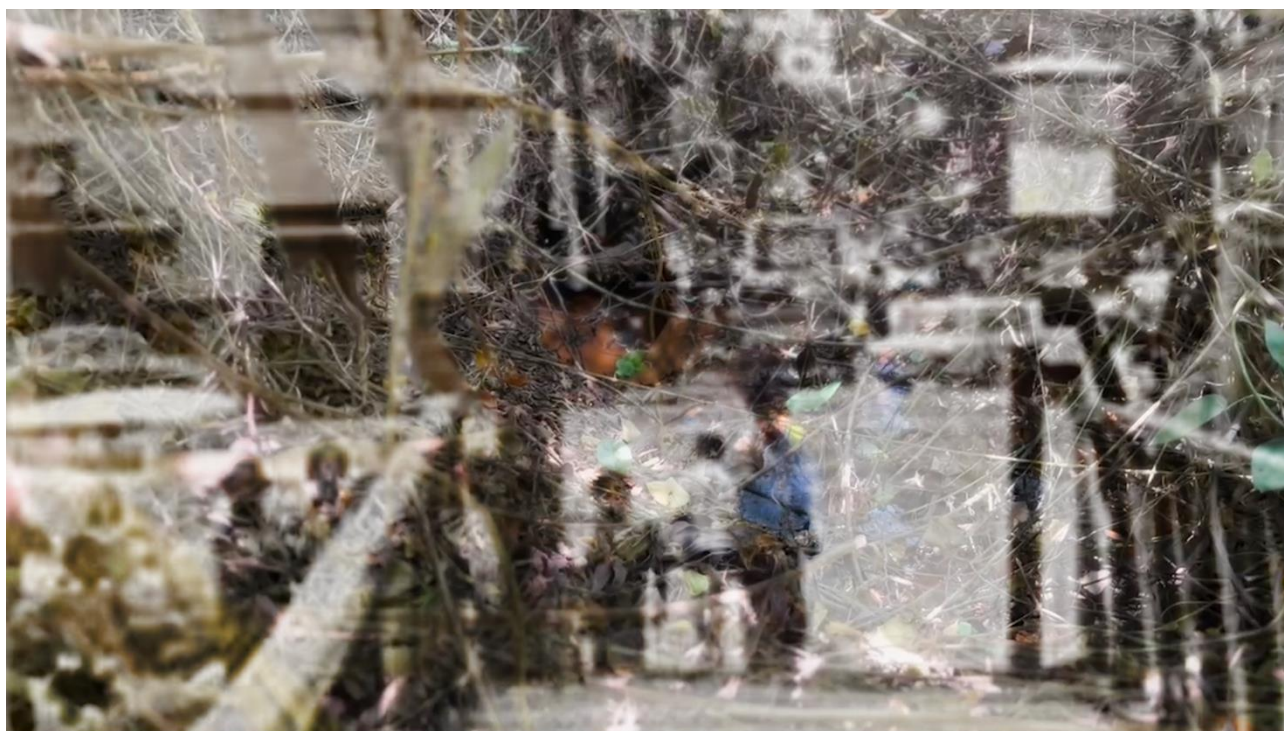


Figura 2. Frame do vídeo “Memórias aquosas de uma biquinha reimaginada”, realizado em 2025.

Fonte: autoria própria.

Desse modo, é possível dizer que voltar à Rua da Biquinha foi um exercício de escuta e reencontro, um ato de convocação das águas soterradas pelo tempo e pelo concreto. As fotografias antigas, a lembrança da casa de estuque, o nome que evocava a presença de uma nascente — tudo isso foi o início de uma busca que parece não ter cessado, já que os vestígios da biquinha resistem, ainda que cerceados pelo desenho árido do parque que a contém.



Diante dessa paisagem de ausências e permanências, surgiu a necessidade de trazer a questão a partir de uma relação entre cinema e cartografia. Se a biquinha era um murmúrio perdido sob camadas de história e urbanização, era preciso fazer disso um fluxo que atravessasse olhares, vozes e paisagens. O audiovisual permitiu registrar não só o que restava visível, mas também o que se insinuava nas frestas do esquecimento. A trilha de terra e pedra, o barulho da água que brota ainda que sem bica, a caminhada pelo parque e suas contradições — tudo isso foi provocado por/com/junto a imagens que carregam o peso do apagamento e, ao mesmo tempo, a potência daquilo que insiste em existir. O gesto de filmar foi um modo de narrar a cidade a partir de suas camadas ocultas, mas também de pensar outras dimensões do projeto.

A biquinha poderia ter moldado o parque, ter sido o eixo de uma paisagem onde a natureza e a história conversassem. Mas, ao invés disso, restou como um resquício, uma lembrança teimosa que se esconde no fundo do terreno. O projeto audiovisual, então, não foi apenas uma forma de relatar essa perda, mas de outro futuro possível: um em que a biquinha seja uma presença viva, capaz de reconfigurar o espaço e as memórias que nele habitam.

Se, de um lado, metafórica, simbólica e concretamente, a cidade é feita de camadas e, como a água, sempre encontra um caminho para emergir, as histórias que nos atravessam também insistem em reaparecer. Talvez, ao registrar esse percurso em imagem e som, tenha sido possível abrir uma nova trilha, uma fissura por onde a biquinha possa, um dia, tomar conta do parque, incontrolável, como sempre deveria ter sido.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

BAZIN, André. **O cinema: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CONLEY, Tom. **Cartographic Cinema**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II. In: **Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Editora Companhia das Letras, 2022.



MOUFFE, Chantal. **Agonística: Pensar o Mundo Politicamente**. São Paulo: Autêntica, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento: Política e Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

VIOLA, Cesar. “Hugo Viola.” Morro do Moreno, 2022. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/hugo-viola-por-cesar-viola.html>. Acesso em 05/02/2025.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Arquiteto e urbanista, escritor, professor, pesquisador e realizador audiovisual. Doutor em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). gabrieltramos@gmail.com

[2] Dedico este texto aos amigos de infância da Biquinha e de Jardim América, especialmente Arlen Cristy e Bárbara Amorim.

[3] Esta reflexão se desdobra a partir das especulações iniciadas para a pesquisa “Várzeas urbanas: resiliência e diversidade em paisagens latentes”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa B - Grupos Consolidados, realizada pela Unesp, com participação de pesquisadores multidisciplinares da USP e UFG.

[4] IEMAES, 2013.

[5] Durante o governo Bolsonaro (2019-2023), foram implementadas, em diversas cidades do país, as escolas cívico-militares a partir de o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, que, segundo a página oficial do MEC, “tem o objetivo de implementar o modelo cívico-militar em 216 escolas em todo o país até 2023. No programa, os militares atuarão como monitores em três áreas: educacional, didático-pedagógica e administrativa.”

[6] A pesquisa se chama “Um cinema-cartografia desde o Sul global”, vinculada à Universidade Federal de Goiás.

[7] O filme “Memórias aquosas de uma biquinha reimaginada” pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=8hxM8E4JyC4>. Acesso em 05/02/2025.